
O paradigma educacional emergente.

Márcio Roberto de Lima¹

Resenha publicada na 2ª edição da Revista Extra Classe.
<http://www.sinprominas.org.br/imagensDin/arquivos/670.pdf>

**OBRA ORIGINAL: MORAES, MARIA CÂNDIDA. *O PARADIGMA EDUCACIONAL EMERGENTE* 11. ED.
CAMPINAS: PAPIRUS, 1997. (COLEÇÃO PRAXIS)**

Objeto de pesquisas e de muitos questionamentos, a escola vem atravessando séculos e se constituiu como um rico espaço de possibilidades de estudos, que envolvem seu papel sócio-cultural, sua estrutura, sua história, seu funcionamento, seus sujeitos, entre muitos outros. Nesse sentido, O paradigma educacional emergente é uma derivação da tese de doutorado de Maria Cândida Moraes, apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). A autora é professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (Currículo) da PUC/SP e do Núcleo de Informática na Educação da Universidade de Campinas (Nied/Unicamp). Foi consultora do Banco Mundial, da Organização dos Estados Americanos (OEA) e professora-visitante da Universidade de Barcelona. Entre 1982 e 1997, foi coordenadora responsável pelas ações de Informática em Educação desenvolvidas no Ministério da Educação. Originalmente, a obra foi editada em 1997, entretanto, dada sua relevância, abrangência e caráter inovador, o ano de 2005 marcou sua 11ª edição. O livro está organizado em seis capítulos que, entrelaçados, buscam oferecer ao leitor uma visão sobre uma nova realidade educacional em estruturação.

Inicialmente, Moraes busca caracterizar o paradigma tradicional no que diz respeito a sua fundamentação científica, sua razão de ser, seu modo prático de exercício, suas contribuições e suas implicações no cotidiano das diversas áreas do saber – primordialmente na área da educação. Em linhas gerais, o cotidiano educacional vigente é apresentado como uma construção derivada da associação entre correntes de pensamento da cultura ocidental, destacando-se entre elas a

¹ Mestre em Educação, Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), 2009. Professor do Bacharelado em Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (Bhu/UFVJM). E-mail: marcinho@marcinholima.com.br

Revolução Científica (Séc. XVI e XVII), o Iluminismo e a Revolução Industrial. A autora reconhece os benefícios desse conjunto de movimentos: o desenvolvimento científico-tecnológico contemporâneo, a democratização do conhecimento, a constituição de um espírito de investigação e validação científica. Em contrapartida, evidencia o caráter reducionista do modelo científico clássico (racionalismo), que fragmenta a realidade para buscar seu entendimento e, ao fazê-lo, impossibilita a visão da totalidade. É exatamente nessa fragmentação da realidade que Moraes aponta a origem de muitas causas dos problemas enfrentados dentro da perspectiva educacional atual: a rigidez imposta pelo retalhamento de conteúdos em grades curriculares desconexas com a realidade (inexistência de interação entre conteúdos); a insignificância do sujeito no processo de ensino-aprendizagem; o foco no ensino e não na aprendizagem; a supervalorização das avaliações como fator determinante do comportamento dos alunos e a consagração do processo do ciclo de estudos através do diploma – indicador do “fim da linha”. Ao focar o advento das tecnologias educacionais e sua apropriação pelo modelo pedagógico vigente, Maria Cândida mostra muito claramente um movimento de “otimização do péssimo” - ou seja: o uso dessas inovações como forma de automatização do modelo tradicional de ensino, o que revela um processo de subutilização de tais ferramentas.

Visando fornecer elementos da fundamentação da ruptura do paradigma tradicional, a autora elabora um traçado histórico do desenvolvimento científico contemporâneo. Nesse sentido, ela parte de um momento crucial – final do Séc. XIX – quando o paradigma cartesiano-newtoniano começa a perder seu poder de influência. As inovações introduzidas pela Mecânica Quântica proposta por Planck e a Teoria da Relatividade de Albert Einstein são apontadas como investidas de grande expressão frente ao cenário científico até então dominante. De forma complementar, Cândida evidencia o trabalho de outros cientistas contemporâneos os quais foram decisivos dentro da fundamentação da nova era da ciência: Heisenberg², Niels Bohr³ e Ilya Prigogine⁴. O advento dessas abordagens propiciou uma nova visão sobre o mundo, muito mais abrangente, o que conduziu a novas implicações no que diz respeito ao processo de construção do conhecimento. Entre essas: a impossibilidade de encarar os fatos de forma fragmentada - observador, objeto e processo de observação se entrelaçam gerando interconexões; o

² Introduziu o Princípio da Incerteza, que estabelece o comportamento de partículas como sendo imprevisível, não devido a erros de medição, mas mediante a intervenção do sujeito no processo de observação. Este fato desafiou a separação entre sujeito e objeto proposta no modelo clássico.

³ Fundamentou a Lei da Complementaridade, que estabelece que as unidades sub-atômicas podem aparecer como ondas (invisíveis e sem massa) ou como partículas (objeto concreto e com massa definida). Em ambos os casos são descrições complementares de uma mesma realidade.

⁴ Mostrou que os sistemas vivos são complexos organizacionais abertos em interação energética constante com o ambiente.

conhecimento deixa de ser estático e passa a estar em processo de permanente desenvolvimento e funcionando em rede – todos os conceitos/teorias estão interconectados.

Moraes apresenta alguns problemas que freqüentam a prática educacional contemporânea, destacando entre eles os relacionados às decisões políticas norteadoras do sistema, às práticas metodológicas e aos procedimentos inadequados do planejamento educacional. Afirma que o cerne do problema educacional reside em seu modelo de construção do conhecimento, o qual está fundado em teorias de ensino-aprendizagem obsoletas e que se apóiam em um movimento intelectual superado. Sugere então uma alternativa a essa situação: a aplicação dos critérios do pensamento científico pós-moderno à educação. Segundo a autora, essa nova perspectiva epistemológica incorpora em seu processo de fundamentação não apenas o aspecto racional, mas, primordialmente, aqueles ligados à natureza criativa, emocional e intuitiva dos aprendizes. A visão da totalidade, o pensamento sistêmico aplicado à educação exigiria uma reação ao padrão vigente. Nesse sentido, evitar-se-ia a formalização de políticas fragmentadas, desarticuladas, descontínuas e distantes da realidade. Imperioso neste processo é a criação de novas formas de diagnósticos e procedimentos metodológicos compatíveis com o novo cenário emergente.

A fim de aprofundar a discussão sobre a emergência do novo paradigma educacional, a autora busca oferecer uma melhor compreensão do cenário mundial onde essa transformação está, gradativamente, se consolidando. Cândida não ignora que, junto ao inegável movimento de avanço das ciências, da tecnologia e das comunicações, vivemos em uma sociedade excludente e desumanizada. Pobreza, analfabetismo, falta de cidadania são constantes da sociedade contemporânea. Esse grande paradoxo é um desafio que, segundo a autora, pode ser superado frente a uma “educação nova”. Salienta que a sociedade contemporânea vive o advento das mudanças globais, que revelam um panorama desafiador, múltiplo não apenas em possibilidades, mas também em riscos. Os reflexos dessas transformações marcam o cotidiano das sociedades industrializadas, que vivem um contínuo processo de modernização e de adaptação a esse horizonte. A obra mostra que a chave dessas mudanças são as inovações tecnológicas, as redes de comunicação e a ampla adoção da informática em todos os seguimentos do conhecimento. A autora enfatiza que a adoção das ferramentas digitais possibilita mudanças nas formas de trabalho das organizações empresariais, educacionais e muitas outras. Sinaliza que com essas tecnologias surgem novas formas de “fazer” e, primordialmente, de se pensar o “fazer”. Concomitantemente, os membros da sociedade passam a compartilhar uma “cidadania da cultura informatizada”, que requer a aquisição de novos hábitos, entre eles o acesso e o uso de equipamentos computacionais. É nesse quadro que Maria Cândida aponta um grande desafio: proporcionar aos sistemas educacionais a apropriação dessa realidade. Assim, a educação passaria, segundo a autora, a

cumprir sua finalidade maior: emancipar sujeitos com capacidade de construir seus projetos de vida, acompanhar todas essas transformações e sobreviver num cenário de incertezas e instabilidades.

Ao assumir que o novo cenário cibernético, informático e informacional é a base de todas as transformações socioeconômicas e culturais, Moraes sugere que essas inovações influem nas nossas formas de pensar, conceber e apreender a realidade. A autora afirma que o acesso a tais tecnologias é imprescindível para o desenvolvimento de um estado democrático, cabendo à educação um papel fundamental nesse sentido. Isso se constitui como uma questão de sobrevivência da sociedade: todos os indivíduos devem saber operar as novas tecnologias da informação. Nesse sentido, é evidenciada a importância dos computadores e redes de telemáticas como recursos instrumentais do novo paradigma educacional, meios com características peculiares e possibilidades próprias que, adequadamente utilizados, podem colaborar para promover melhorias na educação. Vê nesses novos componentes tecnológicos instrumentos capazes de motivarem os aprendizes, aumentar sua concentração e proporcionar uma atuação autônoma, permitindo que cada sujeito possa desenvolver uma maneira própria de construção do conhecimento. Destaca ainda tais instrumentos como os habilitadores da Educação a Distância, uma realidade em nosso cotidiano que modificou o trabalho nas escolas, suprimindo problemas das restrições temporais e espaciais.

O paradigma educacional emergente surge, portanto, no conjunto das transformações contemporâneas. É natural que traga consigo novas pautas, das quais se destaca a missão da escola que, ao invés de atender uma massa amorfa de alunos, passa a encarar o sujeito. Um ser singular, original, específico, dotado não apenas de uma inteligência exclusivamente racional, mas sim de múltiplas inteligências. O aprendiz é reconhecido como um sujeito dotado de diferentes habilidades para resolver problemas e, conseqüentemente, diferentes estilos de aprendizado. Maria Cândida anuncia que na nova abordagem educacional passa a ser de suma importância focar e valorizar o processo de aprendizagem e não a simplória transmissão de conteúdos (ensino). Passa a ser necessário conduzir o sujeito a aprender a aprender, o que pode ser entendido como o desenvolvimento da capacidade de refletir, de analisar e de tomar consciência do que se sabe, da disposição para mudar conceitos com base em novas informações; é uma situação onde o conhecimento encontra-se em permanente construção. Esse processo é requisitado pelas modificações causadas na sociedade em virtude da apropriação das novas tecnologias da informação.

Ainda dentro dos pressupostos do novo paradigma, a autora defende a educação centrada no sujeito que reconhece a importância de seus pares aprendizes e a existência de processos coletivos de construção do saber. Todo esse processo passa a requerer ambientes de aprendizagem que favoreçam o desenvolvimento de qualidades como a criatividade e a intuição. Neles, os educadores assumem um papel diferente do tradicional: deixam de ser meros transmissores de conteúdos e passam a se dedicar à pesquisa, à atualização constante de seus conhecimentos, ao entendimento das necessidades de seus tutelados e, com isso, a elaborarem propostas curriculares flexíveis, que se adaptam ao contexto dos discentes. Valorizar o contexto dos alunos se constitui como fundamental: os alunos estão sempre inseridos em um meio social, junto a uma comunidade. Essa realidade passa a ser considerada como suporte intelectual e fonte de problemas que requerem soluções. Essas últimas, podem ser implementadas pelos aprendizes, sujeitos ativos no processo de construção do conhecimento, sempre que possível, envolvendo um enfoque multidisciplinar. Um grande desafio na nova proposta continua a ser o oferecimento de uma educação que extrapole o limite qualitativo e que, principalmente, seja de caráter equitativo. Isso pode ser entendido como um processo educacional que assegure uma melhoria na aprendizagem e que seja acessível a qualquer sujeito, tanto em oportunidades quanto em tratamento.

Em linhas gerais, Maria Cândida Moraes caracteriza o paradigma emergente como sendo de natureza construtivista, interacionista, sócio-cultural e transcendente. É construtivista uma vez que abarca o conhecimento como inacabado, ou seja: em constante processo de construção, dependente da ação dos sujeitos que o promovem e o transformam. É interacionista porque reconhece que sujeito e objeto estão em constante intercâmbio, mostrando-se como um mecanismo vivo, aberto e ativo. É de natureza sócio-cultural ao considerar que o ser se constrói na relação, dessa maneira o conhecimento é produzido na interação com o meio social. É transcendente porque não descarta a comunhão com uma Entidade Superior, o que amplia nossa consciência, incentivando os sentimentos de humildade, solidariedade e fraternidade objetivando a reconstrução de um planeta mais feliz.

A leitura de “O paradigma educacional emergente” suscita o incômodo de estarmos possivelmente frente a um texto utópico, muito afastado da realidade educacional brasileira. Entretanto, cabe ressaltar que toda mudança de paradigma não se faz sem debate, resistência e de forma apaziguadora. Muito pelo contrário, toda transformação gera em seus protagonistas o medo do desconhecido e a relutância ao novo, ambos amparados pelo movimento de inércia e comodismo frente à necessidade de se adotar novas posturas.